

# Um olhar sobre o idoso

Fernanda Marques

**P**roblemas de visão, audição, tato e musculatura – normais no envelhecimento – levam os idosos a caírem com frequência. As quedas, associadas à osteoporose – redução do tecido ósseo comum em pessoas mais velhas –, aumentam o risco de

fraturas de fêmur entre a população idosa, independentemente de etnia ou classe social. A médica Sílvia Pereira, em sua pesquisa de doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), investigou as repercussões de fraturas de fêmur um ano após o acidente em quase 250 idosos, submetidos à cirurgia para reparo ósseo em quatro hospitais públicos da cidade do Rio de Janeiro. Mais de 90 desses pacientes haviam falecido. “Logo após a cirurgia, o idoso precisa ficar imobilizado no leito, o que favorece o surgimento de infecções, doenças respiratórias e quadros depressivos que podem levar o paciente ao óbito, sobretudo no pri-

meiro trimestre depois da fratura”, explica Sílvia. “Além disso, muitos idosos falecem durante a internação, em que o risco de embolia pulmonar é elevado”, lembra.

A maioria dos idosos morava com a família e caiu dentro de casa, principalmente quando ia do quarto para o banheiro. Passado um ano do acidente, entre os pacientes que sobreviveram, mais da metade não havia retomado todas as atividades que realizava antes da fratura, como sair de casa para caminhar, subir e descer escadas ou tomar banho sem a ajuda de alguém. “Muitos dos que voltaram a fazer as mesmas coisas passaram a ter um pior desempenho, como aqueles que, embora consigam andar, estão mancando”, afirma Sílvia. “Alguns deixaram de realizar determinadas atividades, como ir a bailes para dançar, não tanto por deficiências físicas, mas por medo de novas quedas”. Segundo a médica, os pacientes estudados, em sua maioria, estão sujeitos a fraturar o fêmur novamente, porque não recebem a devida orientação dos profissionais de saúde. “Em visitas domiciliares, verifiquei que quase todos ainda usavam calçados inadequados, viviam em ambientes favoráveis a quedas e não seguiam tratamentos contra a osteoporose”, lamenta.

## Vítimas da violência

Ao longo das duas últimas décadas, cerca de quatro em cada cem idosos faleceram em decorrência de causas externas, entre as quais, além das quedas e outros acidentes, encontram-se as agressões e violências. No dia-a-dia, os idosos são vítimas de numero-



sas violências, nem sempre físicas. Artigo dos *Cadernos de Saúde Pública* – assinado pela socióloga Cecília Minayo, do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (Claves/Fiocruz) – afirma que a “negligência, conceituada como a recusa, omissão ou fracasso por parte do responsável pelo idoso em aportar-lhe os cuidados de que necessita, é uma das formas de violência mais presentes tanto em nível doméstico quanto institucional em nosso país”. De acordo com o artigo, “nada se iguala aos abusos e negligências no interior dos próprios lares, onde choque de gerações, problemas de espaço físico e dificuldades financeiras costumam se somar a um imaginário social que considera a velhice como ‘decadência’”.

### Um estudo sobre a hipertensão

Além das quedas e violências, outro problema que afeta a população idosa é a hipertensão. Quase 1.500 dos mais de 1.700 idosos da cidade mineira de Bambuí são acompanhados por um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Saúde Pública do Envelhecimento, centro colaborador do Ministério da Saúde.

A tese de doutorado da bióloga Josélia Firmo – uma das publicações já produzidas pelo Projeto Bambuí – constatou que cerca de seis em cada dez idosos estudados sofriam de hipertensão, sendo que quase um quarto desses hipertensos desconhecia sua condição. Além disso, dos idosos que sabiam sofrer de hipertensão, mais de 17% relataram não se tratar.

Josélia, do Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR/Fiocruz), inves-

tigou também as maneiras de pensar e agir dos idosos frente à hipertensão arterial. “Desta abordagem antropológica participaram 26 idosos, selecionados aleatoriamente entre os hipertensos estudados”, explica. A análise do discurso deste grupo de idosos revela que os problemas financeiros para obter consultas médicas e comprar medicamentos são considerados obstáculos importantes ao início e à continuidade do tratamento da hipertensão.

Foi possível perceber ainda que os idosos fazem uma distinção entre as expressões “pressão alta” e “problema de pressão”. A primeira corresponderia a um estado abrupto, desencadeado, sobretudo, por problemas familiares e facilmente reconhecido pela ocorrência de sintomas específicos. Já a segunda seria um estado permanente, com ausência tanto dos sintomas quanto dos fatores familiares que podem desencadear a elevação da pressão. Na percepção dos entrevistados, somente o momento em que a pressão sobe é problemático.

Portanto, segundo esses idosos, só seria importante buscar e seguir o tratamento quando eles percebessem o aumento de pressão. Na verdade, porém, o controle da hipertensão depende de ações continuadas, que, além do uso de medicamentos, envolvem alimentação saudável e prática de exercícios físicos.

As pesquisas da médica Sílvia, da socióloga Cecília e da bióloga Josélia tem pelo menos um objetivo em comum: promover o melhor cuidado com a saúde dos idosos, visto que a população brasileira está envelhecendo em ritmo acelerado. Nos últimos anos, a população de mais de 60 anos cresceu em torno de 35% no país. \*

